

de um discurso sem palavras

Nina Virginia de Araújo Leite
J. Guillermo Milán-Ramos
Maria Rita Salzano Moraes
(organizadores)

de um discurso sem palavras



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

De um discurso sem palavras / Nina Virgínia de Araújo Leite, J. Guillermo Milán-Ramos, Maria Rita Salzano Moraes, (organizadores). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2012. – (Coleção TerramaR)

Apoio institucional: Fapesp

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-232-4

1. Linguagem – Ensaio 2. Psicanálise 3. Psicanálise – Ensaio 4. Psicolinguística – Uso terapêutico I. Leite, Nina Virgínia de Araújo. II. Milán-Ramos, J. Guillermo. III. Moraes, Maria Rita Salzano. IV. Série.

12-10513

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensaio psicanalítico 150.195
2. Psicanálise : Ensaio 150.195

Conselho Editorial da Coleção TerramaR

Cláudia de Lemos (Unicamp)

Flávia Trócoli (UFRJ)

Viviane Veras (Unicamp)

Paulo Endo (USP)

Nina Virgínia de Araújo Leite (Unicamp)

J. Guillermo Milán-Ramos

Conselho Editorial da obra

Angela Vorcaro (UFMG)

Cláudia Thereza Guimarães de Lemos (Unicamp)

Flávia Trócoli (UFRJ)

Maria Cristina Poli (UFRGS)

Suely Aires (UFRB)

Viviane Veras (Unicamp)

projeto gráfico e capa: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Mariana Marques Moraes

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS EDIÇÕES E LIVRARIA LTDA.

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514

13070-116 – Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª EDIÇÃO

A G O S T O / 2 0 1 2

Conforme as novas normas da ortografia do
Decreto Legislativo nº 54 de 18 de abril de 1995.

— IMPRESSÃO DIGITAL —

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Sumário

[a ausência forma colunas de fumo] <i>Eduardo Félix Milán</i>	
De um discurso sem palavras – Apresentação	9
<i>Nina V. de Araújo Leite; J. Guillermo Milán-Ramos</i> <i>e Maria R. S. Moraes</i>	

I Problematizações

Da <i>talking cure</i> ao discurso sem palavras	19
<i>Ricardo Goldenberg</i>	
Se um discurso pode ser sem fala/palavras, ele pode ser sem voz?	43
<i>Jean-Michel Vives</i>	
A função da escrita na hipótese de um discurso que não seria do semblante	65
<i>Nina V. de Araújo Leite</i>	
De uma voz sem palavras	73
<i>Maurício Eugênio Maliska</i>	
Que não fosse do semblante: do genitivo da fala rumo aos limites do escrito	83
<i>Paulo Sérgio de Souza Jr.</i>	
Ilegível, lógico	93
<i>Carlos Serafim Martinez</i>	

D'existir à escuta do que (não) se diz	99
<i>Viviane Veras</i>	
<i>Móviles</i> de um discurso: Édipo e invocação	109
<i>Cláudia A. de Oliveira Leite</i>	
Discurso e Pulsão	119
<i>Cristóvão Giovani Burgarelli</i>	
Da <i>alíngua</i> ao significante e outras passagens ou <i>alíngua</i> como azeite da linguagem e para a clínica psicanalítica	131
<i>Eduardo A. Furtado Leite</i>	
O escrito / a verdade / a fala e a invenção da psicanálise	139
<i>Vera Lúcia Colucci</i>	
Do estrangeiro em Freud ao “não há” lacaniano	151
<i>Betty B. Fuks</i>	
Freud e a invenção poética: <i>O Homem Moisés</i> e a Letra	163
<i>Tânia Freire de Mello</i>	
Língua, <i>alíngua</i> , discurso	169
<i>Edmundo Narracci Gasparini</i>	

II Sem palavras: lituraterra

Ausencia y olvido, sustitución y emergência	179
<i>Eduardo Félix Milán</i>	
Mallarmé, a estrutura e novas possibilidades de escrita	189
<i>Tânia Freire de Mello</i>	
Proust em dois tempos: a não resposta e as rasuras	205
<i>Flavia Trocoli</i>	
ALTERAR – reflexões a partir de uma escrita rasurada	217
<i>Joana Horst Rescigno</i>	
A obra de Fernando Pessoa de Caeiro a Fausto. Um discurso sem palavras?	227
<i>Markus Lasch</i>	
Um discurso sem palavras: tempo trágico e poesia	241
<i>Glória M. Monteiro de Carvalho</i>	
Borges no limite: a falência do narrar e o narrar em falência	249
<i>Patrícia Leme</i>	
<i>Poemáthema</i> : Lacan ao encontro de Guimarães Rosa	261
<i>Ana Maria Vicentini de Azevedo</i>	

A voz escrita: <i>corpoema</i>	275
<i>Fernanda Gontijo de A. Abreu e Janaina Rocha de Paula</i>	
“Quem é o eu que diz eu?”: considerações acerca do nome em <i>Amuleto</i> , de Roberto Bolaño	283
<i>Geruza Zelnys de Almeida</i>	
Vida privada e objeto a – Ato: Lacan e Tolstoi	293
<i>Edson Luiz André de Sousa</i>	

III Sem palavras: musicalidade

Do real do barulho ao real da voz: a música do inconsciente e seus impasses	307
<i>Inês Catão</i>	
Fimcomeço entre som e silêncio: um texto-partitura de Haroldo de Campos	331
<i>Cristina Schwarz, Simone Moschen</i>	
Ondas sonoras, palavras concretas – Musicalidade e poesia na obra de Gilberto Mendes	339
<i>Débora da Fonseca Seger</i>	

IV Sem palavras: clínica

Da recusa a fazer semblante	351
<i>Angela Vorcaro</i>	
Práticas da letra	361
<i>Lucia Castello Branco, José Marcos R. Oliveira, Erick Gontijo Costa, João Rocha</i>	
Laço em <i>ELIPSI</i>	383
<i>Ana Clélia de Oliveira Rocha, Conceição A. C. Azenha, Edmundo N. Gasparini, Eliana da S. Benguela, Flavia Trocoli, Mariangela A. Máximo Dias, Michele Roman Faria, Paulo Sérgio de Souza Jr, Rita de Cássia S. Bonança, Vera Lúcia Colucci</i>	
O Transexualismo e a Cirurgia de Redesignação Sexual: um ato em busca de palavras	395
<i>Milton Cezar da Costa, Maria Cristina Poli</i>	
A criança e a pergunta pela origem: considerações sobre as teorias sexuais infantis e os mitos endopsíquicos	409
<i>Mariana Inés Garbarino</i>	

V Sem palavras: imagem, espaço

Habitats	421
<i>Andrea M. Masagão</i>	
Dança à capela	437
<i>Sílvia Nogueira de Carvalho</i>	
Kant a partir de <i>Limite</i> ou <i>Limite</i> a partir de Kant	467
<i>Ciro Inácio Marcondes</i>	
O cinema enquanto possibilidade de um afastamento de si	481
<i>Mariana da Costa Schorn</i>	

VI Sem palavras: política, educação

fuga da morte – [todesfugue] – 1948 <i>Paul Celan</i>	
Ruínas de palavra: vida nua, estado de exceção e testemunho	494
<i>Paulo Endo</i>	
SÓ A CRUA PALAVRA: a violência da verdade em tradução	511
<i>Viviane Veras</i>	
<i>Era como se a vergonha lhe devesse sobreviver...</i>	527
<i>Suely Aires</i>	
Efecto sujeto, enseñanza y psicoanálisis	537
<i>Adrián Villalba</i>	
A psicanálise e a Ordem pedagógica	549
<i>Rinaldo Voltolini</i>	
El lugar de la verdad en el discurso universitario. Para una exégesis de los cuatro discursos de Lacan	565
<i>Ana María Fernández Caraballo</i>	
Seria a educação apenas uma questão de enunciados?	573
<i>Gabriela Gomes Costardi</i>	
Interdisciplinariedad, afectación teórica y verdad. Una aproximación filosófica	583
<i>Marianella Lorenzo</i>	
Análisis del discurso y Psicoanálisis: la cuestión del método	589
<i>J. Guillermo Milán-Ramos</i>	
Sobre os autores	599

De um discurso sem palavras – Apresentação

*Nina V. de Araújo Leite
J. Guillermo Milán-Ramos
Maria Rita Salzano Moraes*

Os *litorais em psicanálise* têm sido a marca e traço distintivos das pesquisas desenvolvidas no centro Outrarte, desde sua fundação em 2008. Os dois encontros de trabalho promovidos em 2008 e 2009 elegeram como temas a transmissão na teoria dos discursos de Jacques Lacan e a especificidade da noção de ato em psicanálise. Os resultados foram consignados em dois volumes: *Giros da transmissão em psicanálise* (2009) e *Entre Ato – o poético e o analítico* (2011), e também no livro intitulado *Terra-mar – litorais em psicanálise* (2010) – todos eles incluídos na coleção *Terramar*,¹ da Editora Mercado de Letras.²

1. Ver: www.mercado-de-letras.com.br/livros.php?categoria=16.

2. Como o presente volume, as três referidas publicações foram realizadas em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Como um novo acontecimento nesse percurso, o presente volume traz a público os principais trabalhos apresentados na *X Jornada Corpolingua-gem/ III Encontro Oustrarte*, ocorrido em novembro de 2010 no IEL-Unicamp. O tema do encontro, *De um discurso sem palavras*, convocou pesquisadores, professores e psicanalistas de diversas instituições de ensino e associações e escolas de psicanálise a trabalhar a articulação da dimensão sem palavras do ato e o discurso como estrutura. Igualmente, o livro reúne alguns trabalhos apresentados numa jornada interna do Centro, acontecida em dezembro de 2011, na qual o seminário 18 de Jacques Lacan – *De um discurso que não fosse semblante* (1971) foi examinado à luz do *discurso sem palavras*.

O caráter polêmico do tema deve ser destacado, uma vez que não se apresenta como obviedade a perspectiva de articulação do termo *discurso* e a ausência de *palavras*. A formulação de tal sintagma deve ser atribuída a Jacques Lacan que, em duas sessões de abertura, em dois anos consecutivos, ofereceu-a aos ouvintes de seu seminário.

Em 13 de novembro de 1968 – iniciando o seminário 16 – *De um Outro ao outro*, Lacan escreveu no quadro a seguinte frase:

*L'essence de la théorie psychanalytique est un discours sans parole.*³

Um ano depois, em 26 de novembro de 1969, ao dar início ao seminário 17 – *O avesso da psicanálise*, proferiu a seguinte afirmação:

*...il m'est arrive, l'année dernière en tout cas avec beaucoup d'insistence, de distinguer ce qu'il en est du discours comme structure nécessaire de quelque chose qui dépasse de beaucoup la parole toujours plus ou moins occasionnelle – que je préfère si je dit, même affiché un jour, c'est un discours sans parole(s).*⁴

3. Na tradução para o português do seminário 16, publicada pela editora Zahar, pode ler-se: “A essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala” (Lacan 1968-1969[2008, p. 11]).

4. Igualmente, na versão brasileira do seminário 17, publicada pela editora Zahar, lê-se: “Ocorreu-me com muita insistência no ano passado distinguir o que está em questão no discurso como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavras” (Lacan 1969-1970[1992, pp. 10-11]).

Não é sem importância que, na última citação, tenhamos colocado entre parêntese a marca de pluralidade na palavra “parole”, uma vez que encontramos na estenografia desta aula do seminário a rasura do “s”. Esse pequeno detalhe, que às vezes passa despercebido, acendeu primeiramente questões de tradução do francês para o português, questões que interrogaram a materialidade escrita da inscrição no quadro, no seminário 16, em oposição ao caráter falado de seu proferimento no seminário 17, antecipando e fazendo-nos sentir a abertura e as ramificações do assunto, concretizadas hoje na dispersão de leituras reunidas, no presente volume, sob o título *De um discurso sem palavras*.

De “*un discours sans parole(s)*” a “*D’un discours qui ne serait pas du semblant*” – o presente volume aborda esse endereçamento particular do pensamento de Jacques Lacan, ressaltando seus principais aspectos e dimensões. A transmissão e a clínica da psicanálise se deslocam por sucessivos âmbitos e práticas – a escrita, a arte, a política, a educação – que agem como caixas de ressonância para a elaboração teórica, como o espaço no qual o significante e a letra, o semblante e o objeto “colidem” sob o influxo do real, embasando gestos de singularização, habilitando percursos de escrita que deixam entrever o rastro/passado do sujeito.

De um discurso sem palavras inicia-se em uma página solta, escorregadia, o poema “La ausencia forma columnas de humo”,⁵ de Eduardo Milán: reenquadre de página – *éxtimo* ao corpo do livro; um crivo de vozes – montagem de letras, perda, interrupção e ausência.

Em seguida, na primeira seção do livro, *Problematisações*, inicia-se uma abrangente exploração em torno do termo “discurso” e da determinação que aqui interessa, “sem palavras”. Destaquemos os três primeiros textos: em “Da *talking cure* ao discurso sem palavras”, de Ricardo Goldenberg, o leitor encontrará uma abordagem compreensiva desse assunto, notando diversas acepções possíveis do *sem palavras/ sem fala*, em contínua implicação com o discurso do analista; logo depois, em “Se um discurso pode ser sem fala/palavras, ele pode ser sem voz?”, Jean-Michel Vives se adentra nas vicissitudes do objeto pulsional voz, a pulsão invocante, face ao “discurso sem fala” que se configura pelo silêncio do analista; depois, em “A função da escrita na hipótese de um discurso que não seria do semblante”, Nina

5. [A ausência forma colunas de fumo] – com tradução de Alcir Pécora.

Leite aborda o enquadre teórico sobre o escrito e o semblante que Lacan desdobra no seminário 18 – *De um discurso que não fosse semblante* (1971).

Na sequência, o leitor encontrará um conjunto de textos nos quais, sempre em diálogo e contraste com a teoria lacaniana do escrito, o *discurso sem palavras* é abordado e interrogado desde uma variedade de perspectivas, com uma multiplicidade de implicações: para a teoria psicanalítica (texto de Mauricio Maliska); para o discurso e o semblante, no seminário 18 (texto de Paulo de Souza Jr.); para a formalização e o uso dos quantificadores, também no seminário 18 (Carlos Martinez); para o equívoco (*Unbewusste/ l'une-bévue*), a escuta do inconsciente e seus limites (Viviane Veras); para a leitura do grafo do desejo enquanto *pauta* de leitura dos movimentos do Édipo (Cláudia Leite); para a articulação entre corpo pulsional, semblante e inconsciente (Giovani Burgarelli); para a *alingua* e os tempos de sua emergência (Eduardo F. Leite); para os fundamentos e invenção da teorização psicanalítica, pela via da correspondência entre Freud e Fliess (Vera Colucci); para a questão do pai, traçando um contraponto entre o *Moisés* de Freud e os seminários 16 e 18 de Lacan (Betty Fuks); para o estatuto de saber e o valor de verdade que a escrita do *Moisés* teve no percurso freudiano (Tânia F. de Mello); e, finalmente, na articulação entre língua, *alíngua* e discurso (Edmundo Gasparini).

A segunda seção do livro, *Sem palavras: lituraterra*, tem sua abertura com “Ausencia y olvido, sustitución y emergencia”, ensaio do poeta uruguaio Eduardo Milán, um percurso pelo estatuto da palavra poética no século 20. Nos textos seguintes – textos de aproximação entre psicanálise e literatura – a escrita literária interroga o *discurso sem palavras*: através de um contraste das propriedades estruturais borromeanas e a escrita de Mallarmé, passando por Pound, A. de Campos e Fenollosa (Tânia F. de Mello); a partir de Proust e a acepção lacaniana da rasura (Flavia Trocoli); pela escrita rasurada – ALTERAR – de Wally Salomão (Joana H. Rescigno); por uma aproximação entre Lacan, Adorno e o *Fausto* de Pessoa (Markus Lasch); a partir de uma abordagem “desnaturalizada” do tempo trágico em poesia, exemplificado em *Tabacaria* de Álvaro de Campos/ Pessoa (Glória M. de Carvalho); através do “narrar em falência” de um “implacável mestre destituído”, Jorge L. Borges (Patrícia Leme); fazendo “colidir” poema e mathema no “poemáthema” – o estatuto paradoxal do real na escrita de Guimarães Rosa (Ana M. Vicentini de Azevedo); no “corpoema” – na escrita fragmentaria, marcada de voz e silêncio, de Maria Gabriela Llansol

(Fernanda Gontijo de Araújo e Janaína Rocha de Paula); no jogo de vozes ficcionais – deslizamento de nomes – em *Amuleto* de Roberto Bolaño (Geruza Z. de Almeida); e, finalmente, numa aproximação pontual entre Lacan e Tolstoi a partir do romance *A morte de Ivan Ilitch* (Edson de Souza).

O texto “Do real do barulho ao real da voz: a música do inconsciente e seus impasses”, de Inês Catão, dá começo a: *Sem palavras: musicalidade* – terceira seção do volume. Em sua abrangência teórica, tece relações entre barulho e voz, voz e musicalidade, poesia e intervenção do analista, constituindo uma exploração da inscrição subjetiva da linguagem em sua relação com a voz e a musicalidade. Dois textos complementam a seção: “*Fimcomeço* entre som e silêncio: um texto-partitura de Haroldo de Campos”, de Cristina Schwarz e Simone Moschen, sobre o poema *Galaxias* do referido poeta e tradutor paulista; e “Ondas sonoras, palavras concretas – Musicalidade e poesia na obra de Gilberto Mendes”, de Débora da Fonseca Seger, que se refere à parceria de Gilberto Mendes com os poetas concretos, em especial a composição para vozes *nasce e morre*, originada no poema homônimo de Haroldo de Campos.

A seção seguinte, *Sem palavras: clínica*, tem início com o texto “Da recusa a fazer semblante”, de Ângela Vorcaro, que trata do autismo. Tal posição subjetiva, como “não se agarra ao fio da linguagem para jogar o discurso do semblante, (...) não se ordena na linguagem”, diz Vorcaro. Na sequência, o texto de Lucia Castello Branco, José Marcos R. Oliveira, Erick Gontijo Costa, João Rocha, traz sucessivas impressões e depoimentos sobre a experiência denominada “Prática da letra”, realizada por mais de 20 anos, na qual, por um viés clínico, apostando nos efeitos da letra, procura-se uma aproximação entre psicanálise, escrita, literatura e loucura. Em seguida, no texto coletivo “Laço em Elipsi”, do grupo *Espaço de linguagem e psicanálise* (Centro Outrarte), propõe-se uma reflexão sobre seu percurso, atravessada pela ética da psicanálise, a criação de um espaço de discussão clínica e a psicanálise com crianças. À continuação, Milton da Costa e Maria C. Poli apresentam o texto “O Transexualismo e a Cirurgia de Redesignação Sexual: um ato em busca de palavras”, um apanhado das posições teóricas, em psicanálise, sobre o transexualismo. Logo depois, concluindo essa seção, Mariana Inés Garbarino apresenta um texto no qual procura mostrar a dialética da construção das teorias sexuais infantis em sua articulação com os mitos endopsíquicos.

A seção *Sem palavras: imagem, espaço*, tem início com o texto “Habitats” de Andrea Masagão. Comentando o neologismo de Lacan, a autora afirma: “Talvez *stabilitat* seja uma maneira de circunscrever o inabitável” – espacialização do gozo que é abordada a partir da “casa feita de impressões ósseas e viscerais” e da “casa feita de nada”. No texto seguinte, “Dança à capela”, Silvia Nogueira de Carvalho olha para a obra da artista plástica Laura Vinci, como parte da experiência de “leitura compartilhada (...) como ato de superação das resistências que a obra desperta”, realizada no ciclo *Como olhar a obra* organizado pelo grupo de Arte e Psicanálise, EBEP, São Paulo. Na sequência, “Kant a partir de *Limite* ou *Limite* a partir de Kant”, Ciro I. Marcondes interroga as possibilidades e os impasses da “aplicação” da estética transcendental de Kant, a partir de um exemplo – o filme *Limite* (1931), de Mario Peixoto – que se revelará como sua alegoria e crítica. Em seguida, no último texto da seção, Mariana da Costa Schorn parte do relato da chegada do cinema a Macondo, em *Cien años de Soledad*, de Gabriel Garcia Márquez, para refletir sobre “O cinema enquanto possibilidade de um afastamento de si”.

A última parte do livro, *Sem palavras: política, educação*, inicia-se com o texto “Ruínas de palavra: vida nua, estado de exceção e testemunho”, de Paulo Endo. O autor, em diálogo com as teorizações de Freud, Blanchot e Agamben, e adotando como ponto de partida o estatuto da palavra no poema “fuga da morte” (*todesfugue*) de Paul Celan, produz uma intensa reflexão sobre a possibilidade do ato de testemunho. Na sequência, Suely Aires, em “Era como se a vergonha lhe devesse sobreviver...”, examina o afeto da vergonha nos testemunhos de sobreviventes dos campos de concentração, a partir dos escritos de Primo Levi, Robert Antelme, Kertész e Klüger. Na trilha aberta pelo impacto desses textos, o leitor poderá encontrar “Só a crua palavra: a violência da verdade em tradução”, de Viviane Veras, sobre a experiência de envolvimento dos tradutores nos trabalhos da *Comissão Sul-Africana de Verdade e Reconciliação*, perante o testemunho das vítimas e o depoimento dos torturadores e agentes do *apartheid*. Em seguida, já tematizando questões de educação e ensino, em “Efecto sujeto, enseñanza y psicoanálisis”, Adrián Villalba acompanha o percurso do surgimento do sujeito do significante no ensino de Lacan, condição para a introdução de uma reflexão sobre o educar enquanto profissão impossível. Logo em seguida, o texto “A psicanálise e a Ordem pedagógica”, de Rinaldo Voltolini, revisita as vicissitudes da relação entre a psicanálise e a educação. Na

sequência, Ana María Fernández Caraballo – no texto “El lugar de la verdad en el discurso universitario. Para una exégesis de los cuatro discursos de Lacan” – interroga a pertinência da apropriação de conceptualizações lacanianas (verdad, saber, discurso...) na discussão teórica do ensino universitário. Depois, Gabriela G. Costardi, no texto “Seria a educação apenas uma questão de enunciados?”, adentra-se na dimensão enunciativa do discurso para questionar a possibilidade de constituir uma prática pedagógica a partir da subjetivação da diferença. Em “Interdisciplinarietà, afectación teórica y verdad. Una aproximación filosófica”, Marianella Lorenzo discute a possibilidade da interdisciplinaridade a partir da noção de verdade trabalhada por Alain Badiou. Finalmente, a partir da “prática materialista de leitura” verificada no “retorno a Freud” de J. Lacan, J. G. Milán-Ramos questiona o lugar e os condicionamentos do “método” na Análise do Discurso (Pêcheux) – uma vez observado o declínio/recusa da dimensão política e sua colonização pelo discurso pedagógico.

Campinas, julho de 2012